

MARCAS DE RESISTÊNCIA NA CRÔNICA “LUTO DA FAMÍLIA SILVA”, DE RUBEM BRAGA

RESISTANCE MARKS IN THE CHRONICLE “LUTO DA FAMÍLIA SILVA”, BY
RUBEM BRAGA

Francisca Patrícia Pompeu Brasil¹

Resumo: Alfredo Bosi (2002) afirma, em seu texto “Narrativa e Resistência”, que a ideia de resistência se conjuga à narrativa a partir de duas formas de realização: como tema e como processo inerente à escrita. Cronista por excelência, Rubem Braga pode ser citado como um exemplo de escritor que realiza, em suas crônicas, essas duas formas de resistência: na forma, através do lirismo e da voz do narrador de tradição; nos temas abordados, os quais levantam questionamentos e reflexões sobre sociedade e política. Com o intuito de mostrar como a resistência se faz presente na obra de Braga, optamos por trabalhar a crônica “Luto da família Silva”, produzida em 1935 a partir de uma notícia de jornal. Nessa crônica, Braga questiona, através da ironia e do humor, a luta de classes, a condição do excluído e a invisibilidade social dos inúmeros “Joões da Silva”. Em nosso trabalho, consideramos as marcas de resistência como tema e como forma imanente ao texto. Para isso, fundamentamos nossa pesquisa na obra *Literatura e Resistência* de Alfredo Bosi. Também compartilhamos das ideias apresentadas por Walter Benjamin (1994), em seu texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. Além dos textos citados, foram consultados, como fontes de pesquisa, “La Forma Inicial”, de Ricardo Piglia (2015); e os ensaios sobre as crônicas de Rubem Braga, “Braga de novo por aqui” e “Fragmentos sobre a crônica”, de Davi Arrigucci (1987).

Palavras-chave: Narração; Informação; Resistência.

Abstract: Alfredo Bosi (2002) states, in his text “Narrative and Resistance”, that the idea of resistance is conjugated to the narrative from two forms of realization: as a theme and as an inherent process of writing. A chronicler par excellence, Rubem Braga can be cited as an example of a writer who carries out, in his chronicles, these two forms of resistance: in form, through lyricism and the voice of the traditional narrator; in the topics addressed, which raise questions and reflections on society and politics. In order to show how resistance is present in Braga’s work, we chose to work with the chronicle “Luto da Família Silva”, produced in 1935 from a newspaper article. In this chronicle, Braga questions, through irony and humor, the class struggle, the condition of the excluded and the social invisibility of the countless “Joões da Silva”. In our work, we consider the resistance marks as a theme and as an immanent form to the text. For this, we based our research on the work *Narrativa e Resistência*, by Alfredo Bosi. We also share the ideas presented by Walter Benjamin (1994), in his text “O narrador: considerações

¹Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará – Brasil. Doutoranda em Letras na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0070-8845>. E-mail: pbrasilpompeu@gmail.com.

sobre a obra de Nikolai Leskov”. In addition to the cited texts, were consulted “La Forma Inicial”, by Ricardo Piglia (2015); and the essays on the chronicles of Rubem Braga, “Braga de novo por aqui” and “Fragmentos sobre a crônica”, by Davi Arrigucci (1987).

Keywords: Narration; Information; Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Em seu texto “La forma inicial”, Ricardo Piglia afirma que a narração está sempre ameaçada pela informação e que essa tensão se estabelece a partir das características contraditórias que apresentam, uma vez que, diferente da informação, “la narración alude y desplaza, nunca dice de manera directa cual es el sentido, y ahí se define su forma” (PIGLIA, 2015, p.47). Ainda segundo o autor, é a partir da narração que a história vai sendo incorporada à vida do leitor, tornando-o partícipe dos acontecimentos apresentados e possibilitando-lhe que tenha experiências significativas para sua vida pessoal. Walter Benjamin também aborda as oposições entre narrativa e informação ao falar sobre o narrador. Para ele, diferente da informação, a narração evita explicações, uma vez que não se impõe ao leitor, deixando-o livre para interpretar. Uma outra diferença destacada está na fugacidade característica da informação, que tem o seu valor condicionado à novidade. Aqui podemos apontar uma marca de resistência da narrativa, pois, segundo Benjamin: “A narrativa não se entrega. Conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p.9). A partir dessas considerações, buscaremos apresentar algumas tensões existentes entre a crônica e a informação. Destacando a convivência de ambas no mesmo veículo: o jornal.

Alfredo Bosi (2002) afirma, em seu texto “Narrativa e Resistência”, que a ideia de resistência se conjuga à narrativa a partir de duas formas de realização: como tema e como processo inerente à escrita. Cronista por excelência, Rubem Braga pode ser citado como um exemplo de escritor que realiza, em suas crônicas, essas duas formas de resistência: na forma, através do

lirismo e da voz do narrador de tradição; nos temas abordados, os quais levantam questionamentos e reflexões sobre sociedade e política.

Com o intuito de mostrar como a resistência se faz presente na obra de Braga, optamos por trabalhar a crônica “Luto da família Silva”, produzida em 1935 a partir de uma notícia de jornal. Sobre essa crônica, Antonio Candido afirma que: “Este é um bom exemplo de como a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do zigue-zague de uma aparente conversa fiada” (CANDIDO, 1993, p.28).

2 TENSÕES ENTRE NARRATIVA E INFORMAÇÃO

Walter Benjamin (1994) afirma, em seu texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, que o surgimento do romance foi o primeiro indício da morte da narrativa, e complementa que isso se deve à vinculação do romance ao livro. Enquanto o narrador compartilha experiências com seus ouvintes, o romancista isola-se, pois está impossibilitado de receber ou de dar conselhos. No entanto, mais ameaçadora do que o romance é a informação, pois ela, por sua crescente influência, ameaça o próprio romance. O autor aponta algumas tensões existentes entre a informação e a narrativa, as quais podem ser resumidas da seguinte forma (BENJAMIN, 1994, p.9):

- Enquanto a narração é validada pela autoridade, a informação aspira a uma verificação imediata.

- A narração recorre frequentemente ao miraculoso, já a informação precisa ser plausível.

- As notícias surgem em excesso, e são mais lidas do que as narrativas, mas são pobres em histórias surpreendentes, uma vez que chegam acompanhadas de explicações - o autor destaca que a arte da narrativa está em evitar explicações.

- A informação só tem valor no momento em que é nova, enquanto a narrativa: “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1994, p.9).

Observando as tensões apontadas por Benjamin, podemos inferir que informação e narrativa são incompatíveis. Sendo assim, causa estranhamento o fato de, às vezes, elas compartilharem o mesmo espaço. Tal estranhamento se dá, por exemplo, em relação à crônica e ao seu vínculo com o jornal - um veículo de caráter transitório e que reserva boa parte de seu espaço à informação. No entanto, diferente da notícia, a crônica não adere à efemeridade própria dos textos jornalísticos, daí podermos afirmar que ela resiste e que, despretensiosamente, consegue permanecer. Como observa Candido:

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam “em ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava (CANDIDO, 1993, p.24).

Compartilhando das ideias de Candido, Ricardo Piglia afirma que a narrativa permanece por ser um importante modo de trocar experiências e que, diferente da informação, ela é capaz de tornar seu leitor/ouvinte parte da experiência narrada, fazendo com que este incorpore essa experiência à sua própria vida. O autor observa que isso se deve não apenas aos conteúdos narrados, mas à forma singular como são feitas essas narrativas: “(...) Y eso non sería solamente una cuestión de contenidos de esas historias, no se trataría solamente de lo que se está contando, sino de la forma con la que se lo está contando, el modo específico y preciso de usar la tradición del relato” (PIGLIA, 2015, p.46). Daí termos uma recepção mais significativa das narrativas, quando comparadas às informações.

Ao falar sobre a relação entre crônica e jornal, Davi Arrigucci também aborda a tensão existente entre narrativa e informação. O ensaísta observa que,

por ter o jornal como veículo, a crônica parece se destinar à contingência, tendo que se submeter ao transitório, à novidade e às inquietações próprias da modernidade. No entanto, destaca Arrigucci, a crônica resiste, pois trava um duelo com a transitoriedade própria da informação, saindo muitas vezes vitoriosa e permanecendo, devido ao seu “mérito literário intrínseco”:

Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado (ARRIGUCCI, 1987, p.53).

Em relação ao caráter de resistência que a crônica apresenta frente à volatilidade das coisas no mundo moderno, Rubem Braga é um dos escritores brasileiros que merecem destaque, tanto pela consciência que demonstra ter dessa efemeridade, quanto pela constante busca da permanência:

Unido ao que passa pela condição e pela sensibilidade, ser tão precário quanto as coisas precárias que observa, ele parece, no entanto, situado à margem da corrente e se mostra infenso à mudança contínua de tudo. Ao deter sua atenção sobre coisas antigas, procura destacar as mais resistentes à transformação ao longo do tempo – o guarda-chuva, a cadeira de balanço -, como se compartilhasse com elas a solidão marginal de quem, à beira do redemoinho central das mudanças (nem por isso deixasse de mudar) olha, com paciência humilde, os rumos inevitáveis do mundo num desconcerto cada vez maior (ARRIGUCCI, 1987, p.44).

Arrigucci reitera que o diferencial de Braga resulta, em parte, da voz narrativa apresentada em suas crônicas, que se apresenta como um narrador de tradição oral, ou um narrador da experiência: “Uma experiência que se transmitia por histórias, pela arte do narrador, que parecia vir de outros tempos, e retomar o fio da tradição oral, nunca interrompido no Brasil, enlaçando-se ao mesmo novelo dos contadores de causos imemoriais” (ARRIGUCCI, 1987, p.30).

3 LITERATURA E MARCAS DE RESISTÊNCIA

O objetivo de nossa pesquisa é identificar as marcas de resistência presentes na crônica “Luto da Família Silva”, de Rubem Braga, reconhecendo essas marcas tanto no tema como na organização textual. Para isso, utilizaremos, como fundamentação teórica, o subcapítulo, intitulado “Narrativa e Resistência”, da obra *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi (2002).

Bosi inicia seu texto fazendo o seguinte esclarecimento: resistência é, originalmente, um conceito ético. Tal conceito se relaciona diretamente à força de vontade, ou seja: a oposição que se faz a uma força externa, sendo essa força o que leva o indivíduo a não sucumbir diante das pressões. Em seguida, o autor esclarece que resistência, por ser um conceito ético, não deve, a priori, relacionar-se à estética, uma vez que esta se origina de potências de conhecimento, que seriam: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. A partir dessas considerações, pode-se concluir que resistência e estética não deveriam interagir, já que apresentam naturezas distintas. Mas é nesse ponto que Bosi faz uma interessante revelação: na prática, esses conceitos apresentam, sim, estreitas relações, pois:

(...) Como sempre acontece, no fazer-se concreto e multiplamente determinado da existência pessoal, fios subterrâneos poderosos amarram as pulsões e os signos, os desejos e as imagens, os projetos políticos e as teorias, as ações e os conceitos. Mais do que um acaso de combinações, essa interação é a garantia da vitalidade mesma das esferas artística e teórica (BOSI, 2002, p.119).

Após esclarecer a existência dessa relação, o autor afirma que a ideia de resistência se conjuga à narrativa a partir de duas formas de realização: como tema e como um processo inerente à escrita. A conjugação de resistência e estética, ou ainda, a translação da resistência para a ética à resistência para a estética ocorre quando o artista aborda em sua obra valores cultivados pela sociedade.

Bosi destaca que o homem de ação, político ou educador, busca interferir culturalmente no meio em que está inserido, só conseguindo agir a partir dos

valores cultivados em seu entorno social. Para se entender o que são esses valores, é necessário identificar os seus opostos, ou seja, os antivalores. Entender essa relação binária leva a uma melhor compreensão da ação cultural do homem sobre a sociedade. Alguns exemplos: o antivalor da coragem é a covardia; da sinceridade, a hipocrisia; da fidelidade, a traição; da liberdade, a opressão; etc.

O artista, diferente do político ou do educador, capta tais valores e consegue apresentá-los em suas obras de forma singular: “Os poetas os captam e os exprimem mediante imagens, figuras, timbres de vozes, gestos, formas portadoras de sentimentos que experimentamos em nós ou pressentimos no outro” (BOSI, 2002, p.120). Interessante destacar que as potencialidades da linguagem expressiva da literatura é o que torna essa forma de expressão artística diferenciada em relação aos textos de caráter informativo. Resumindo: enquanto o homem de ação limita-se ao trabalho com a realidade, o escritor tem seu campo de atuação bem mais estendido, pois “a escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável” (BOSI, 2002, p.121).

Os valores defendidos por escritores e militantes, muitas vezes, são os mesmos. A distinção irá ocorrer na forma como irão expressar tais valores. Daí a importância de se respeitar os limites que separam essas duas vozes de resistência. Bosi esclarece que o narrador, não estando comprometido com leis de verificação da realidade, como ocorre com o militante, pode fazer uso da imaginação e expressar-se mais livremente.

Ao tratarmos da singularidade que o artista apresenta em sua forma de narrar, apontada como o diferencial entre o escritor e o homem de ação, é importante apresentar algumas considerações que Davi Arrigucci (1987) faz acerca da escrita singular de Rubem Braga.

Segundo o ensaísta, Braga trazia para suas crônicas experiências vividas e conseguia transmiti-las através da voz do narrador de tradição oral. Arrigucci

atribui o talento de Braga para contação de histórias ao fato de este ter nascido e passado a infância na pequena cidade capixaba de Cachoeiro do Itapemirim - sendo a relação entre o interior e a cidade algo determinante para suas criações: “Assim, o cronista moderno, ao mesmo tempo dá voz ao narrador de tradição oral, contador de causos emigrado para a cidade que, ao narrar por escrito, parece estar acompanhando ainda o curso natural das coisas dos tempos de outrora” (ARRIGUCCI, 1987, p.36).

Outro recurso que caracteriza as crônicas de Braga é a “arte da desconversa”. Conforme afirma Arrigucci, Braga conseguia dar às suas histórias o tom de uma conversa leve e descontraída: “Disfarçavam a arte da escrita numa prosa divagadora de quem conversa sem rumo certo, distraído com o balanço da rede, passando o tempo, mais para se livrar do ócio ou do tédio, sem se preocupar com o jeito de falar” (ARRIGUCCI, 1987, p.30). O lirismo e o despojamento formal adotados por Rubem Braga também são responsáveis pelo caráter peculiar de suas produções:

Na perspectiva do cronista, o cotidiano - “o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil” - se mostra como o espaço propício a uma busca poética que deseja fazer “alguma coisa simples, honrada e bela”. Ali se pode compreender como o mais humilde, o muito pequeno constitui, na verdade, a vida; como o pequeno nada faz parte da vida diária, sem se afastar do infinitamente grande (ARRIGUCCI, 1987, p.39).

Como dito anteriormente, a resistência pode se manifestar na obra como tema ou como forma imanente da escrita. Sobre a primeira forma de manifestação, pensemos nos escritores politicamente engajados, que buscam participar, através de suas obras, das mudanças sociais necessárias a uma vida mais harmoniosa e justa. Aqui vale destacar o que Alfredo Bosi diz em seu texto “A Escrita e os Excluídos” sobre as formas de se considerar a relação entre a escrita e os excluídos. Segundo o autor, a primeira dessas formas consiste “em ver o excluído social ou o marginalizado como objeto da escrita. Objeto compreende temas, personagens, situações narrativas” (BOSI, p.257).

Pensar a escrita engajada de escritores é considerar o despertar de novas perspectivas frente aos problemas sociais. Bosi cita, como exemplos dessa escrita, as obras: *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, entre outras. Em nosso trabalho, reconhecemos também, como um exemplo dessa forma de narrativa, a crônica de Rubem Braga “Luto da Família Silva”, por tratar de questões relacionadas às desigualdades sociais e por abordar o tema da opressão sofrida pelas classes populares.

Sobre a resistência imanente à forma, Bosi explica que ela se dá a partir das tensões internas da obra, independentemente das militâncias apresentadas. A forma diferenciada de narrar os dramas vivenciados pelos personagens faz com que o leitor repense seus conceitos, desautomatizando seu modo de ver questões relacionadas à opressão - já tão naturalizadas pela sociedade. Esse movimento de fazer o leitor repensar valores a partir das tensões apresentadas, educando-o para participar do mundo e para agir criticamente em seu entorno tem grande potencial de transformação, pois possibilita o surgimento de novas perspectivas. Sendo assim, não só “o que é dito” importa no momento de se tentar promover mudanças sociais, mas o “como se diz algo”. Daí os textos literários serem capazes de remodelar comportamentos a partir dos efeitos surpreendentes que provocam em seus leitores. Resumindo: a escrita literária tem a capacidade de desautomatizar a vida, possibilitando novos olhares para a realidade e criando nos leitores uma perspectiva mais crítica, resultado da tensão eu x mundo:

Caso essa pobre vida-morte deva ser tematizada, ela aparecerá como tal, degradada, sem a aura positiva com que as palavras “realismo” e “realidade” são usadas nos discursos que fazem a apologia conformista da “vida como ela é”... A escrita da resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 2002, p.130).

Pensar a escrita como instrumento de conscientização e de humanização é uma forma de resistência às estratégias de silenciamento das classes opressoras. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, o educador Paulo Freire (2005) destaca a vocação do homem de “Ser Mais”, ou seja, sua capacidade de reconhecer e de potencializar suas habilidades para viver em contínuo processo de transformação e evolução. Tal conceito nos leva a refletir sobre as estratégias de opressão que cerceiam o oprimido, impedindo-o de desenvolver suas aptidões:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, “imersos” na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 2005, p. 38).

Em outras palavras, “ser mais” é ter capacidade de se libertar da opressão, através da reflexão e da ação. Segundo a Educação Libertadora freiriana, essa vocação é negada às classes oprimidas, as quais têm seu comportamento proscrito pelos opressores e são impedidas de desenvolverem um olhar reflexivo sobre a realidade.

4 MARCAS DE RESISTÊNCIA EM “LUTO DA FAMÍLIA SILVA”, DE RUBEM BRAGA

Publicada em junho de 1935, no jornal pernambucano “A Manhã”, a crônica “Luto da Família Silva” foi produzida a partir de uma notícia veiculada no jornal “Diário de Pernambuco”, como esclarece o próprio autor:

A assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A assistência voltou vazia. O homem estava morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na secção dos “Factos Diversos” do “Diário de Pernambuco”, de 30 de maio, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na rua da Alegria. Morreu de Hemoptise (BRAGA, 1935, p.3).

Em relação ao tema, é importante destacar que Rubem Braga apresentou, em suas crônicas, grande interesse pelas classes desprivilegiadas,

pelos indivíduos invisíveis para a sociedade e pelas opressões impostas a essas pessoas pelas classes dominantes. Diversos acontecimentos do cotidiano do autor marcaram direta ou indiretamente a produção de seus textos, pois escreveu sobretudo crônicas, gênero que trata do tempo vivido e busca compreender o espírito de sua época. Autor engajado social e politicamente, trabalhou em diversos jornais, estando a informação sempre muito presente em sua vida, mas foi o seu lirismo e o seu olhar diferenciado para a realidade que o tornaram um dos maiores cronistas da literatura brasileira:

Sua disposição intrínseca para a percepção do poético no cotidiano popular, além da tendência modernista, via Bandeira, só pode ter sido facilitada e estimulada pela sua formação interiorana, com seus elementos de uma experiência mais socializada, no espaço rústico, à beira-rio ou à beira-mar, pela proximidade das pessoas humildes, que tanto aparecem nas crônicas, ao lado de formas de trabalho manual, pelas quais sempre demonstrou o maior interesse e atenção. De tudo isso, decerto, o cronista aprendeu um pouco sobre a vida e seu ofício de escritor. Só assim se explicam histórias como aquela do padeiro, que, sem mágoa e sorridente, avisava gritando, depois de deixar o pão à porta do escritor todo santo dia: “- Não é ninguém, é o padeiro!” (ARRIGUCCI, 1987, p. 41).

Sobre o tema abordado na crônica “Luto da família Silva”, podemos identificar o trabalho que o cronista faz com os valores e os antivalores. Destacam-se o valor “igualdade” e seu respectivo antivalor “desigualdade”; e o valor “liberdade”, com seu respectivo antivalor “opressão”. Tais valores e antivalores apresentam-se na crônica relacionados a questões de diferenças sociais, uma vez que o tema gira em torno da exploração vivenciada pelas classes oprimidas, e do fato de estas sustentarem, através de seu trabalho, as classes opressoras.

Em relação à forma, podemos destacar, de início, o uso do nome próprio “João da Silva”, que assume na crônica uma dupla função: a de nomear e a de caracterizar os trabalhadores das classes mais populares. O nome “João” é o segundo mais popular do Brasil, enquanto “Silva” é o sobrenome mais popular. Daí o uso de expressões como “João Ninguém”, “mortinho da Silva”, entre outras. Esse sobrenome foi trazido pelos portugueses ainda no período da

colonização e era atribuído àqueles que não possuíam um nome de família ou aos que não tinham procedência conhecida. Rubem Braga faz uso do nome “João da Silva” para construir sua crônica e afirmar que os Silva “somos todos nós”, ou ainda, são os representantes das classes dos trabalhadores explorados que, segundo Antonio Candido, “são os homens que suam e penam para fazer funcionar a máquina da sociedade em benefício de uns poucos” (CANDIDO, 1993, p.27). O uso do nome no plural e a forma como esse nome é atribuído aos trabalhadores que se encontram na base da pirâmide social brasileira comprovam a intenção do cronista de dar visibilidade às classes mais populares:

Nós somos os Joões da Silva. Nós somos os populares Joões da Silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na rua. Nós pertencemos, como você, à família Silva. Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história. (...) Nós auxiliamos várias famílias importantes na América do Norte, na Inglaterra, na França, no Japão. A gente de nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo lugar onde se trabalha. (BRAGA, 1935, p.3)

Os Silva representam os oprimidos e excluídos. Pode-se ainda afirmar que eles simbolizam a alienação do ser humano em relação ao trabalho, pois, mesmo sendo os responsáveis pela produção de riquezas do país, esses “joões” não têm visibilidade social, nem têm direitos sobre o produto dos seus trabalhos. Konder, ao abordar a visão marxista da divisão do trabalho e da propriedade privada, fala sobre o estranhamento causado entre o trabalhador e o trabalho, e explica que isso se deve ao fato de o produto do trabalho que se realiza não pertencer ao trabalhador, mas às classes opressoras: “Por isso, em lugar de realizar-se no seu trabalho, o ser humano se aliena nele; em lugar de reconhecer-se em suas próprias criações, o ser humano se sente ameaçado por elas; em lugar de libertar-se, acaba enrolado em novas opressões” (KONDER, 2008, p.30). Daí identificarmos a voz da resistência na crônica de Braga, que

busca conscientizar seu leitor sobre os problemas gerados pelas injustiças sociais.

Fazendo uso de expressões que indicam uma passagem cronológica do tempo, o cronista situa os Silva em diversos momentos da história do país: “Quando o Brasil foi colonizado, nós éramos os degredados. Depois fomos os índios. Depois fomos os negros. Depois fomos imigrantes, mestiços. Somos os Silva” (BRAGA, 1935, p.3). Degredados, índios, negros e imigrantes são os representantes de mão-de-obra escrava ou barata que, desde a colonização até os nossos dias, foram os grandes responsáveis por movimentar a economia do país. “Os Silva” seria assim uma expressão que englobaria todos os trabalhadores explorados, os quais nunca tiveram direito ao produto dos seus trabalhos, e, por serem invisíveis para a sociedade, também não tiveram seus nomes escritos nos livros de história: “Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história” (BRAGA, 1935, p.3).

A abordagem do antivalor “desigualdade” pode ser observada também na construção das oposições apresentadas no texto. Podemos citar, como exemplo, a oposição que se dá a partir das cores vermelha e azul, e do que elas representam: enquanto os Silva têm o sangue “vermelhinho da silva”, as famílias ilustres têm sangue azul. Interessante destacar o uso da expressão “da silva” como um intensificador do substantivo sangue – expressão muito usada entre as classes populares no Brasil. Outra representação da desigualdade social pode ser identificada quando o narrador opõe o sobrenome “Silva” aos sobrenomes das famílias ilustres: Crespi, Matarazzo, Guinle, Rocha Miranda, Pereira Carneiro.

Já o uso da ironia, para gerar o efeito do humor, dá leveza ao texto. Trata-se de um exemplo do que diz Antonio Candido, ao destacar o talento de Braga para falar sobre coisas sérias como se fosse uma “conversa fiada”. É possível identificar esse humor irônico no trecho em que o cronista enumera os vários trabalhos realizados pelos Silva: “Nossa família quebra pedra, faz telhas de

barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos Bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha” (BRAGA, 1935, p.3). E quando, em seguida, faz a seguinte comparação: “Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo”. Há outras comparações que apresentam o humor irônico de Braga. Um exemplo é a analogia feita entre a família Silva e a família “de tal”, o que nos leva a entender que ambas representam a mesma invisibilidade social:

Às vezes, por modéstia, não usamos nosso nome de família. Usamos o sobrenome ‘de Tal’. A família Silva e a família ‘de Tal’ são a mesma família. E, para falar a verdade, uma família que não pode ser considerada boa família. Até as mulheres que não são de família pertencem à família Silva (BRAGA, 1935, p.3).

Do trecho “Até as mulheres que não são de família pertencem à família Silva”, vale destacar o uso da preposição “até”. Como já se sabe, a expressão “mulheres que não são de família” refere-se às mulheres que vivem da prostituição. Nesse caso, o uso da preposição “até” remete aos excluídos, explicando que todos eles pertencem à família Silva, inclusive os mais esquecidos e marginalizados pela sociedade.

Em relação à voz narrativa, pode-se identificar uma mudança de foco a partir do segundo parágrafo da crônica. De início, o narrador se dirige ao João da Silva de forma impessoal, como se não o conhecesse:

Assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção dos “Fatos Diversos” do Diário de Pernambuco, leio o nome do sujeito João da Silva. Morava na Rua da Alegria. Morreu de hemoptise (BRAGA, 1935, p.3).

A partir do segundo parágrafo, o narrador se identifica como um dos amigos ou parentes do João da Silva, e passa a fazer uso da primeira pessoa - recurso que transmite uma maior intimidade e identificação entre o narrador e o morto: “Neste momento em que seu corpo vai baixar à vala comum, nós, seus amigos e seus irmãos, vimos lhe prestar esta homenagem. Nós somos os Joões da Silva. Nós somos os populares Joões da Silva” (BRAGA, 1935, p.3).

Para encerrar nossa breve exposição sobre a resistência realizada na forma da narrativa, vale refletir sobre o título da crônica “Luto da Família Silva”, o qual nos leva a pensar em uma aproximação entre as palavras “luto” e “luta”. Aproximação legítima se pensarmos em uma crônica que se apresenta como resistência, uma vez que mostra o luto de uma família que precisa lutar para sobreviver, resistindo à exploração da qual é vítima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de uma crônica já traz em si marcas de resistência, por ser um gênero que permanece, resistindo à transitoriedade característica do veículo que lhe serve de suporte: o jornal. Como sabemos, Rubem Braga foi um dos cronistas que mais se destacaram no embate entre experiência e informação: “Com ele, a tensão tão característica da crônica, entre o caráter puramente circunstancial e o propriamente literário, tende a se resolver, mais que na maioria dos cronistas rotineiros, em proveito da literatura” (ARRIGUCCI, 1987, p.55).

Na crônica “Luto da família Silva”, percebe-se que as marcas de resistência estão presentes não só no tema da desigualdade social, como na forma em que Braga trata de um assunto tão sério: com leveza, ironia e humor - como se se tratasse de uma “conversa fiada”. Tendo como fonte de suas produções a informação e os fatos do cotidiano, o autor consegue tratar de temas diversos de uma forma singular.

O diferencial das produções de Braga está na sua forma de narrar, a qual possibilita ao leitor uma inserção no texto e um envolvimento capaz de promover olhares mais sensíveis e críticos diante da realidade, isto é, o leitor, a partir do contato com os seus textos, torna-se mais apto para ler o mundo, entender as tensões existentes entre as classes sociais e, conseqüentemente, compreender o seu “estar no mundo”.

Esse movimento de fazer o seu leitor repensar valores é também um movimento de resistência, pois desperta um maior interesse para participar do mundo e para agir criticamente em seu entorno, possibilitando o surgimento de novas perspectivas. Sendo assim, ratificando o que dissemos anteriormente: não só “o que é dito” importa no momento de se tentar promover mudanças sociais, mas o “como se diz algo”. Daí podermos afirmar que as crônicas de Rubem Braga são capazes de remodelar comportamentos a partir do trabalho feito com os temas abordados e com a singularidade presente em seu modo de narrar.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. “Braga de novo por aqui” e “Fragmentos sobre a crônica”. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e Comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRAGA, Rubem. “Luto da família Silva”. In: Jornal “A Manhã”. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pasta=ano%20193&pesq=%22fam%C3%ADlia%20Silva%22&pagfis=10682>. Acessado em: 03.01.2022.
- CANDIDO, Antonio. Vida ao rés do chão. In: CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- PIGLIA, Ricardo. *La forma inicial*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2015.

Recebido em 18/08/2022.

Aceito em 10/12/2022.